

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O São Paulo

Class.: 07

Data: 11 a 17/04/80

Pg.: \_\_\_\_\_

# Os Tembê: em busca da indianidade perdida?

Os Tembê fazem parte do povo Tenetehara. Tembê é o nome que os estudiosos deram aos Tenetehara que ocupam as margens do Gurupi e Guamá, enquanto que os habitantes das margens dos rios Mearim, Grajaú e Pindaré, no Maranhão, são chamados Guajajara. Ambos, Guajajara e Tembê, partilham da mesma língua e tradição cultural e se consideram um só povo, denominando-se Tenetehara. Eles habitam a referida região desde os tempos pré-colombianos e constituem um dos poucos grupos sobreviventes do tronco Tupi-Guarani.

O contato com os brancos, iniciado há mais de 300 anos e acentuado no século passado, teve um aprofundamento nos últimos 30 anos, quando se produziu uma invasão violenta e sistemática de seu território.

No mês de agosto do ano passado o Banco Denasa de Investimento recebeu do CIDAPAR —

Companhia de Desenvolvimento Agropecuário Industrial e Mineral do Estado do Pará — mais de 300.000 hectares de terra, grande parte dela pertencendo à reserva indígena, isto é, quase toda a terra incluída entre os rios Piriá e Icoaraci, dentro da parte central da reserva. A DENASA, diante dos conflitos e do alto valor das terras, está tentando agora vendê-las.

A fazenda Mejer, de propriedade do sr. Mejer Kabacznike, é a segunda invasora por ordem de importância. Conhecida também com o nome de "Irmãos Coragem", esta fazenda invadiu uma larga faixa da

reserva, utilizando-a para pastagem. Desde 73 já foram efetuadas quatro linhas de demarcação, ora diminuindo, ora aumentando as terras para a fazenda.

A última linha de demarcação de 78 restituiu uma parte da terra aos Tembê, mas a fazenda continua a ocupação. Esta fazenda recebeu autorização da FUNAI para abrir uma estrada dentro da Reserva, para escoar os produtos. A Mejer tem serraria perto de Icoaraci, fora da área.

Outras fazendas também ocupam a área, como a do sr. Vivaldo, localizada perto de Mejer, além de políticos que possuem pastagens dentro da área indígena, como o sr. Miguel Coutinho Aguiar, ex-prefeito de Capitão Poço, Antonio Pereira, atualmente vice-prefeito, Teófilo Andrade, comerciante, e Valdemar Coelho, que deu o nome ao povoado perto de Água Preta, onde ele é o dono.

Além disso, o grande latifúndio incentivou a invasão da área por pequenos posseiros e agora tenta tirar proveito dos conflitos entre índios e posseiros, que eles fomentam para, no final, abocanhar todo o território.

Desde 1955 o etnólogo Eduardo Galvão, analisando o fenômeno de aculturação dos Tembê, dizia que três eram os agentes responsáveis: 1) o contato com a sociedade envolvente; 2) a legislação e atuação do Serviço de Proteção da Índio (agora Funai); 3) a oscilação na Bolsa de Nova Iorque, das cotações do coco de babaçu.

Anteriormente, a cultura Tenetehara havia sido definida em 1941 como "cultura em transição", e existia uma certa dificuldade, numa primeira impressão, em distinguir os índios dos mestiços da região. E nesta época, a cultura indígena ainda estava enraizada.

Nas décadas dos anos 40, "embora vestidos à nossa moda, e não poucos dominassem com facilidade a língua portuguesa, guardavam muitos dos seus costumes e atitudes tradicionais".

As cerimônias da puberdade, casamento, morte, ainda eram muito vivas junto com os tabus que os acompanhavam, alguns ritos de grande valor moral, como o tabu de matar mais caça do que precisassem para a alimentação. Eles tinham músicas próprias, cantos cerimoniais, instrumentos musicais como o maracá, turé e chifre de boi. Participavam da festa do mel, onde eram usados tabacos e narcótico.

A previsão de Galvão se tornou realidade; hoje a maioria dos traços culturais foram varridos. O velho Isidio, da aldeia dos Tembê, às margens do rio Guamá, conta a tragédia do seu povo no começo dos anos 40.

"Foi no tempo do dr.

Maia que tomava conta de nós mudou a aldeia desse lado do rio (o lado direito). Eu era bem novinho. Era só nós que morava ali. Não tinha Kubê (branco). Agora é só três que ficou daquele tempo. Nós não conhecíamos Kubê, e o índio não era doente. Quando a aldeia mudou, deu muita doença de gripe, sarampo, tosse de guariba, o pajé já não sabia curar essas doenças e morreu muito índio. Tinha dia que morria dois, três... Era muito índio naquele tempo: índio Tembê, índio Urubu, Timbira. Depois foram embora quando chegou a doença. Até o Tembê foram embora, aqui ficou pouco".

Com a morte e a dispersão veio a perda dos valores culturais e a desagregação do remanescente do povo. Hoje, os Tembês do Guamá não falam mais a própria língua. Até os velhos pouco lembram. O povo Tembê perdeu os cantos, a dança e o artesanato. "Perdeu tudo", repete com

monotonia o velho Isidio. Agora, o povo Tembê vive na sua terra como estrangeiro e marginalizado, tido como usurpador das terras pelos caboclos.

"Acabou tudo" é o refrão do velho índio Isidio. Mas, para os Tembê — e eles começam a tomar consciência disto — uma riqueza ainda ficou, a última e a única que pode dar garantia de um futuro: a terra. O povo Tembê não pode nem chorar de saudade, porque até a memória do passado está para ser enterrada com os últimos velhos da aldeia.

A "civilização" armou uma cilada ao resto que escapou da dispersão. "Vocês são selvagens. Nós queremos ajudar; tornem-se como nós, civilizados". E os Tembê cairam no conto da civilização e queimaram etapas no esforço de abandonar tudo o que os identificasse.

Agora, os mesmos brancos dizem: "Vocês não são mais índios, porque querem terra? Vocês não têm direito à terra. Vamos dividir entre todos".

No entanto, os Tembê começaram a descobrir que a única forma de sobreviver é afirmar a sua indianidade, reivindicar seu território e tentar resgatar a sua cultura. Eles pressionam a Funai, que com a cobertura da polícia já tentou expulsar os posseiros. Mas quem deve ser primeiramente expulso são os grandes latifundiários. O CIMI — Norte I propôs a formação de uma comissão com representação de índios, posseiros e os órgãos patronais: Funai/Incrá/Iterpa, para resolver o problema.

(Porantim, janeiro/fevereiro).